

PARA ALÉM DA LATA D'ÁGUA NA CABEÇA: POTÊNCIAS FEMININAS E ARTES DE SI SERTANEJAS ATRAVÉS DA CARTOGRAFIA DE IMAGENS

Iane Rocha Mendes

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da
Universidade do Estado da Bahia – Uneb, DCH/IV - Jacobina.
iane.rocha1@gmail.com*

Ana Lúcia Gomes da Silva

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade da
Universidade do Estado da Bahia - Uneb, DCH/IV- Jacobina.
analucias12@gmail.com*

*Simpósio Temático nº 21 – GÊNERO, RAÇA, ETNIA, SEXUALIDADE NA FORMAÇÃO
DOCENTE.*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo central demonstrar as potências existentes nas mais variadas narrativas de mulheres sertanejas a partir das experiências e artes de si femininas, que podem ser observadas nos territórios de sertão. Objetiva-se ainda tensionar o imaginário social comum, da imagem da mulher sertaneja como aquela marcada pelas dores da seca e da escassez, esquecendo-se assim das várias cores, formas, vozes e artes destas mulheres. Adotou-se como método e procedimento de análise a pesquisa narrativa através da cartografia de imagens expostas em três perfis de conteúdo vinculado a temáticas sertanejas na rede social *instagram*. Os resultados iniciais apontaram pistas que narram outros modos de habitar o sertão através das potências femininas vividas e experimentadas pelas mulheres do/no sertão. Aliado aos conceitos-chave de sertanidades femininas, experiência, artes de si e visualidades, esta cartografia de imagens aponta para uma ressignificação da imagem da mulher sertaneja e da sua importância na constituição das potências que perfazem os territórios de sertão. Além disso possibilitou inferir para a potência das narrativas como produção de si, tendo a experiência como centralidade, reivindicando no coletivo feminino, os lugares de transgressão e fissuras das sertanidades nos pontos molares do imaginário composto pelas imagens femininas cartografadas. Para além da lata d'água na cabeça, o exercício analítico permanente de desestabilizações do instituído, vislumbrando as artes de si como criação, em que as visualidades transversalizam-se em diálogo com as mídias digitais no campo da cultura visual, emergiu na análise.

Palavras-chave: Mulheres sertanejas, Narrativas cartográficas, Visualidades, Cartografia de imagens, Sertanidades.

ABSTRAT

The present work has as its main objective to demonstrate the existing powers in the most varied types of narratives of backcountry women from the experiences and female arts of themselves, which can be observed in the backlands territories. the objective is also to tension the common social imaginary, of the image of the backcountry woman as the one marked by the pains of drought and scarcity, thus forgetting the various colors, shapes, voices and arts of these women. narrative research was adopted as a method and procedure of analysis through the mapping of images displayed in three content profiles linked to country themes on the Instagram social network. the initial results pointed out clues that narrate other ways of inhabiting the sertão through the female potencies experienced and experienced by women from/in the sertão. allied to the key concepts of female sertanities, experience, the arts of the self and visualities, this image cartography points to a redefinition of the image of the sertaneja woman and its importance in the constitution of the powers that make up the territories of the sertão. in addition, it made it possible to infer for the power of narratives as a production of the self, with experience as a centrality, claiming in the female collective, the places of transgression and fissures in the sertanities in the molar points of the imaginary composed by the mapped female images. beyond the can of water in the head, the permanent analytical exercise of destabilization of the instituted, envisioning the arts of the self as a creation, in which the visualities cross in dialogue with digital media in the field of visual culture, emerged in the analysis.

Keywords: Sertanejas women, Cartographic narratives, Visualities, Image cartography, Sertanities.

INTRODUÇÃO

O imaginário social comum sempre visualizou o sertão como local predominantemente seco e sem vida perene, marcado por períodos sem chuvas que o conferem uma aridez constante. As/os habitantes desse espaço, por conseguinte, também são vistas/os dessa forma: homens com semblante “bruto” e chapéu de vaqueiro, de palha ou no estilo “cangaço” e mulheres sérias, sisudas e carregando latas d’água na cabeça. A história social e política do Brasil colaboraram para a propagação dessas imagens que até hoje perduram fortemente na mente da maioria das pessoas.

Diante desse cenário torna-se necessário o surgimento de pesquisas, trabalhos e projetos que objetivem demonstrar que a ideia de sertão como terra arrasada não deve mais ser levada adiante como sendo única e verdadeira. No que diz respeito às mulheres sertanejas que habitam os territórios de sertão, mostra-se necessário fazer um giro social e epistêmico, apontando para outro modo de enxergar e conhecer essas mulheres, suas

cores, vozes e performances que ajudam a fazer do sertão um território multicolorido, rico em artes e legado de diversidades potentes.

Visando colaborar com esse giro social e epistêmico extremamente necessário, este texto tem como um dos objetivos demonstrar as potências existentes nos mais variados tipos de narrativas de mulheres sertanejas a partir das experiências e artes de si femininas, que podem ser observadas nos territórios do sertão. Tais narrativas emergem das subjetividades femininas sertanejas expressas nas artes de si que as mulheres demonstram através dos seus costumes, das suas vestimentas, da sua musicalidade, das suas escritas e do seu cotidiano. Desse modo, a apresentação dessas narrativas tem a potencialidade de promover mudanças graduais no modo como a imagem das mulheres sertanejas é percebida pela maioria das pessoas, o que leva este texto a também objetivar o tensionamento do imaginário social comum, da imagem da mulher sertaneja como aquela marcada pelas dores da seca e da escassez, esquecendo-se assim das várias cores, formas, vozes e artes destas mulheres, a fim de que elas realizem e operem seu próprio governo, pela reflexividade e ação das artes de si.

Para alcançar os objetivos propostos adotou-se como método e procedimento de análise a pesquisa narrativa através da cartografia de imagens expostas em três perfis de conteúdo vinculado a temáticas sertanejas na rede social *Instagram*, a saber: *@retratosdonordeste*, *@meu_nOrdeste* e *@nordestinogaiato*.

DESENHOS TEÓRICOS: NARRATIVAS CARTOGRÁFICAS NA REDE SOCIAL INSTAGRAM

A ideia de sertão como terra arrasada, como área desertificada e sem vida na maior parte do ano remete o imaginário social a um espaço onde é quase impossível o surgimento de modos distintos de vivência, onde é praticamente improvável o crescimento de diversidades ricas em experiências culturais e que não se atenta à complexidade social que emerge dos distintos modos de existir dos seus habitantes.

A paisagem sertaneja de vegetação escassa e solo seco tem propiciado e reforçado ao longo da história da civilização brasileira um conjunto de representações que percebem o sertão como lugar de seca, escassez e morte. A literatura, a pintura e as mídias clássicas têm contribuído para reforçar esta ideia que, em muitos casos, serve também para representar todo o Nordeste brasileiro, como se essa região do país

fosse uma realidade uniforme. É muito comum o sertão ser representado com imagens de terra rachada, de morte de animais, retirantes, famintos, pedintes e estradas empoeiradas, entre outras imagens. Esta visão é parcial e estereotipada, não retrata o sertão em toda sua complexidade e, sobretudo, não atenta para as formas de vida e de cultura que resistem à seca. (GOMES, 2019)

Desse modo, pode-se perceber que existem formas diversas de se viver no sertão, da maneira que são produzidas suas artes e suas experiências cotidianas, que se (des)enrolam no termo sertanidades, cunhado para expressar os modos de ser e de viver no sertão. Falar em sertanidades, transcendendo-se então da ideia pura de um sertão estereotipado, é estar atenta/o à sensibilidade existente no olhar, no saber olhar para os detalhes e as minúcias (Gomes, 2019).

As visualidades surgem nesse contexto para adensar o conceito de sertanidades, trazendo-o para o campo do olhar (citado acima). Trabalhadas neste artigo na perspectiva das fotografias cartografadas na rede social *Instagram*, as visualidades mostram-se como produtoras de sentidos em conexões sociais transversais, desvelando potencialidades e narrativas implicadas.

[...] a fotografia traz consigo um ponto de vista que contribui com a formação das ideias e do imaginário das pessoas sobre os temas que aborda. [...] A fotografia não é uma mera ilustração; ela toma parte, de modo decisivo, da visão que as pessoas têm das coisas. Sontag (2004) afirma que as fotos modificam e ampliam nossas ideias sobre o que vale a pena olhar e sobre o que temos o direito de observar. (GOMES, 2019)

Segundo Galvão (2005), “a narrativa, como metodologia de investigação, implica uma negociação de poder [...]”. No caso deste trabalho, tomaremos de assalto as imagens cartografadas dos três perfis citados acima, em uma negociação estabelecida entre o perfil que posta a imagem com status de “público” e o eu que a cartografa. Ainda em Galvão (2005), “nós somos, pelo menos parcialmente, constituídos pelas histórias que contamos aos outros e a nós mesmos acerca das experiências que vamos tendo”, fazendo coro com o intuito deste trabalho de contar outras histórias, diferentes daquelas costumeiramente contadas sobre as mulheres sertanejas, histórias que fazem girar socialmente e epistemologicamente.

Na perspectiva da cartografia de imagens,

os olhares na cartografia são conceituados nas pesquisas como olhares caleidoscópicos. Tomamos a concepção de lentes caleidoscópicas/olhar caleidoscópico por considerar o dinamismo da

realidade, suas brechas e suas frinchas que não são percebidas se o olhar não acionar a perspectiva caleidoscópica. (SILVA, COSTA, PEREIRA, 2018).

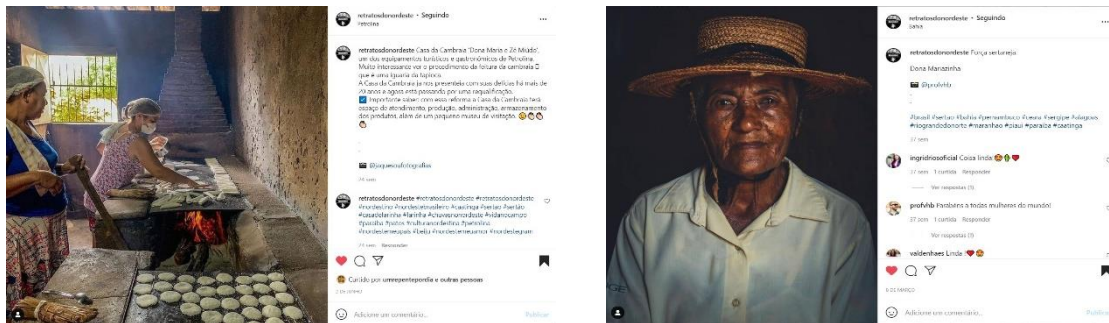
Da mesma maneira, este trabalho aciona o olhar caleidoscópico da cartografia e busca brechas e frinchas em uma realidade disposta conjuntamente com o imaginário social comum, a fim de mostrar uma nova forma de ver, observar e experienciar as artes de si das mulheres sertanejas. Deste modo, para a compreensão das artes de si destas mulheres, Michel Foucault nos convoca a realizar em nossas vidas de modo apropriado, uma obra de arte, ao afirmar: [...] “A partir da ideia de que o sujeito não nos é dado, acho que há apenas uma consequência prática: temos que criar a nós mesmos como uma obra de arte”. (FOUCAULT, 2004, p. 123). Esta ideia foucaultiana é uma convocação para o experimentar a vida e o cuidado de si com artes agonísticas sendo ao mesmo tempo seu artífice e seu mestre, [...] “produzindo-se mestre de si, vivendo consigo mesmo, repousando em si próprio, refletindo sobre a natureza de seu próprio governo, sendo o sujeito ético que se pensa, [...] pela reflexividade e ação.” (FOUCAULT, 2004, p. 21).

Nas imagens das narrativas cartografadas a seguir realizaremos um exercício analítico que aponta para as rasuras e fissuras de imagens fixas que representam a mulher sertaneja de modo estereotipado e ainda com um imaginário de mulher atravessado por discursos e efeitos de sentidos que expropria sua experiência e suas artes de si, assim como uma sertanidade permeada de secas, sisudez, escassez, forjando um sertão reduzido, estereotipado. Ao nos ocuparmos dessas narrativas cartografadas o fazemos a partir das experiências das mulheres, a fim de pousar nossa atenção noutros modos de habitar o sertão através das potências femininas vividas e experimentadas pelas mulheres do/no sertão.

DA CARTOGRAFIA DAS IMAGENS: EXERCÍCIOS DE LIBERDADE DE SI

Importante destacar, para fins de anotações sobre os cuidados éticos do trabalho, que todos os perfis cartografados são públicos e de divulgação de imagens temáticas sobre o sertão. As imagens serão trazidas aqui com o conteúdo total da publicação, de modo a também preservar as/os autoras/es das fotografias.

Fotos 01 e 02:



As imagens acima foram cartografadas da página *@retratosdonordeste*, indicada como um perfil comercial e público na categoria “site regional”, sem descrição. A imagem à direita mostra uma “casa de cambraia” na cidade de Petrolina-PE como sinaliza a legenda (em algumas regiões também pode ser chamada de “casa de farinha”) com duas mulheres ao lado de um fogão à lenha preparando produtos culinários diversos com os derivados da mandioca. Para além da lata d’água na cabeça, a imagem dessas mulheres demonstra o cuidado com o que a terra oferece, com a produção de alimentos que se adaptam bem ao clima mais seco do sertão e do mesmo modo, nas entrelinhas da imagem e à nossa interpretação, pode-se apreender a importância dessa atividade para os novos ideais globais de segurança alimentar, pautados na sustentabilidade.

A imagem à esquerda, apresentada com a legenda “Dona Mariazinha” e postada no dia 08 de Março (dia internacional da mulher) de 2021 foi a escolhida da página *@retratosdonordeste* para homenagear as mulheres nordestinas seguidoras do perfil. Não há na legenda nenhuma menção de quem possa ser “Dona Mariazinha”, há apenas a indicação de autoria da imagem. No entanto, esta imagem, para além da lata d’água na cabeça, tem o poder de rasurar a figura do imaginário social comum da mulher de expressão sisuda e triste: o que se pode perceber é uma mulher forte, de olhar sereno e sorriso desenhado em um rosto que denota contentamento e suavidade.

Este contentamento nos convida ao exercício analítico apresentado por Alípio Filho (2011), inspirado nos estudos foucaultianos, quando afirma que: [...] “a liberdade do cuidado de si, *somente pode ser experimentada por D. Mariazinha e pela senhora da foto 4, a seguir, com o lenço colorido*, (grifo nosso) se for uma experiência ético-moral

do sujeito em sua própria verdade, uma experiência sempre singular e intransferível”. (FILHO, 2011, p.21).

Esta produção de si como obra de arte, mobiliza outra geopolítica do conhecimento como exercícios de criação que não se deixa regular, nem encapsular pelas formas fixas do exterior, (do Estado ou Deus) e de um poder vertical, mas sim, borra contornos da forma, [...] “o sujeito da verdade de sua liberdade não o é mais no sentido de uma sujeição, mas de uma *subjetivação-outra*, aquela de que ele é seu sujeito e seu mestre”. (FILHO, 2011, p.21).

Subjetivação aqui concebida não como a coisa em si, essência imutável, mas sim, processos de subjetivação, que são portadores de vetores de desejo associados a diversas espécies, como subjetividade coletiva, que não é resultante de uma somatória individual, pois é preciso considerar os comportamentos, os conjuntos familiares e sociais. A diferença pura em si, enxergando o outro como o outro em si, sem referenciar, fixar, hierarquizar, folclorizar, sendo devires: devir mulher, criança, pedra, árvore etc. A subjetividade está em circulação nos conjuntos sociais e é assumida e vivida por indivíduos em suas existências particulares. O modo como os indivíduos vivem suas subjetividades oscila entre dois extremos: relação de alienação e opressão, no qual o indivíduo se submete à subjetividade tal qual a recebe, ou uma relação de expressão e de criação, sendo artificioso, usando a artistagem, se reapropriando dos componentes da subjetividade, produzindo um processo de singularização. (GUATARRI; ROLNIK, 2013, p. 42).

Esta singularização nos provoca a problematizar a produção das subjetividades produzidas pelos sujeitos na rede social *Instagram*. Como nos produzimos nas fotografias que postamos? Quantos filtros utilizamos? Como não sermos tragados, encapsulados numa produção que nos fixa? Como não cairmos nas armadilhas do eu, se não existe “eu” nesta perspectiva da filosofia da diferença, mas um “campo de força”, que marca nosso mundo pelo processo identitário, que reduz seres e coisas a uma marca, uma identidade, uma categorização, impedindo o fluxo, a produção de si que convoca para compormos novas subjetividades num processo de singularização? Deste modo, como nos inserirmos no território da rede social *Instagram*, se nos encerrarmos nele?

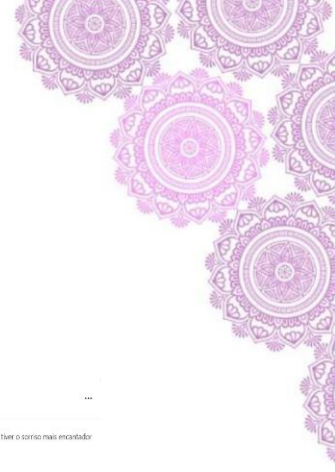
Como nos movermos como máquinas desejanter produzindo a nós em composição com as mulheres sertanejas, sem nos deixar fixar, estratificar, modelizar e reduzir? Arriscamos dizer que queremos fazer brotar as diferenças, o diferir em nosso

estudo acerca dos retratos de mulheres sertanejas, através da experimentação e da produção do desejo. Só cartografa quem acompanha desejos e fluxos. A cartografia das imagens das mulheres que aqui nos mobiliza no exercício analítico, é um convite a aprofundar a problematização que apresentamos e para a qual não temos respostas, convite a nos acoplarmos à natureza como máquinas desejanter e realizarmos como andarilhas cartógrafas, catados de miudezas, narrativas, imagens, pedaços de coisas, signos, que poderão ser cortados, conectados, armados, montados, desmontados, por nós e as mulheres sertanejas, agindo maquinicamente na produção de máquinas desejanter¹ e não nos enquadramentos.

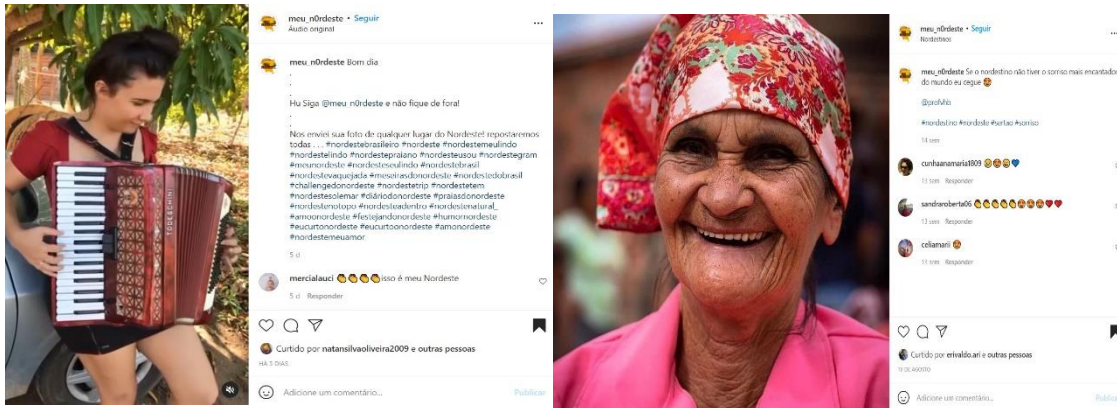
Deste modo, tomamos o desejo como produção e não como uma falta. Desejos que nos movem a adentrarmos os territórios simbólico, social, afetivo, psicossocial e geográfico das mulheres sertanejas em constante produção de si, em devires. Desejos no território simbólico, dos/nos símbolos que as mulheres sertanejas carregam consigo e que as marcam numa perspectiva de produção de identidades, de serem donas de si mesmas e de pertencerem em corpo e vivências no sertão onde vivem e transitam: o terço na mão, o galho de arruda na porta de casa, as velas no altar da capela, símbolos que demonstram um território vasto e riquíssimo de rezas e crenças num sertão a travestir-se de saudosismo e modernidade (ao realizar a postagem dos registros fotográficos das grandes festas religiosas nordestinas em redes sociais como *Instagram*, *Facebook*, *Twitter*, *YouTube*).

Desejos nos territórios social, afetivo, psicossocial e geográfico que habitam e transbordam os modos de ser e existir no sertão, ultrapassando as barreiras de vinculação a um sofrimento causado pela seca e pela falta d'água e dando lugar à existência de relações sociais bem estruturadas em complexidade, com seus afetos e suas afetações, suas formas de sentir, de perceber e de apreender este território, transformando-o para além das fronteira geográficas fixas em território cartografado na diversidade.

¹O agir maquínico na filosofia da diferença é diverso da concepção de máquina da mecânica e da capitalismo da mais valia. A mecânica é relativamente fechada sobre si mesma; elas só mantêm com o exterior relações perfeitamente codificadas. As máquinas no sentido lato, as máquinas teóricas, sociais, estéticas etc, e não apenas a máquina técnica como a fábrica. Importa destacar que elas as máquinas técnicas estão em interação com a máquina social, uma máquina de pesquisa, de formação etc. As máquinas em suas evoluções se comparam aos das espécies vivas e fazem aparecer de mod engendrado umas às outras, novas linhas de potencialidades. Em *O Anti-Édipo*, Deleuze e Guattari (2010) introduziram a noção de máquina desejanter, para fundar uma economia política imanente, na qual o 'desejo' pudesse afinal ser ontologicamente (e economicamente) reconhecido como força produtiva. Ver: GUATARRI; ROLNIK, 2013 nas referências finais.



Fotos 03 e 04:



As fotografias 03 e 04, vistas acima, foram cartografadas a partir da página *@meu_nOrdeste*, indicada como um perfil comercial e público na categoria “página de fãs” e com a descrição “perfil destinado a mostrar as belezas do meu país, Nordeste!”. A imagem à esquerda, acompanhada somente pela legenda “bom dia”, mostra uma mulher sertaneja jovem, em posse e manuseio de uma sanfona. O imaginário social comum associa frequentemente o “tocar sanfona” a pessoas do sexo masculino, relegando à mulher os espaços privados e de maior reclusão. Encontrar, na cartografia, uma imagem como essa demonstra a potência que a mulher sertaneja tem para tocar e cantar suas artes, para além da lata d’água na cabeça, transgredindo barreiras sociais machistas e de preconceitos de gênero.

A imagem posicionada à direita, acompanhada da legenda “se o nordestino não tiver o sorriso mais encantador do mundo eu cegue”, traz a fotografia de uma senhora (não identificada na legenda, mas com indicação da autoria original da captura) sorrindo, usando uma blusa cor de rosa e um lenço estampado. Para além da lata d’água na cabeça, pode-se perceber a partir da composição de cores disposta na imagem, o gosto da mulher sertaneja pelo colorido, pelo “vistoso”, desenhando uma arte de si transposta através de um sorriso.

Fotos 05 e 06:





As imagens acima foram cartografadas da página @nordestinogaiato, indicada como um perfil comercial e público na categoria “site de sociedade e cultura”, acompanhado da descrição “projeto de valorização a Cultura Nordestina!”. A imagem à esquerda traz um “doodle” (tema utilizado pelo Google na sua página inicial em datas comemorativas ou para prestar homenagens) exposto no Google durante o dia 19 de março de 2021 homenageando dona Militana, a maior romanceira do Brasil, nascida em Natal-RN. Para além da lata d’água na cabeça, a mulher sertaneja escreve sobre si e sobre o mundo, desenha paisagens a partir das letras, do imaginário e das memórias e ganha o mundo.

A imagem à direita, mostra a fotografia de uma mulher sertaneja em frente a um altar contendo a imagens de vários santos da religião católica. Existe uma grande ligação entre as/os sertanejas/os e a religião, a exemplo da fé dedicada a São José, tido como aquele que abençoa a terra com as águas da chuva. A mulher sertaneja, travestida da sua religião, mostra artes de fé, de canto, de devoção, de cultura e de vida. Para além da lata d’água na cabeça, a fé da mulher sertaneja alcança as subjetividades e o íntimo, reinventando o imaginário social comum relacionado à fé como sinônimo de submissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados iniciais apontaram pistas que narram outros modos de habitar o sertão através das potências femininas vividas e experimentadas pelas mulheres do/no sertão. Aliado aos conceitos-chave de sertanidades femininas, experiência, artes de si e visualidades, esta cartografia de imagens aponta para uma ressignificação da imagem da

mulher sertaneja e da sua importância na constituição das potências que perfazem os territórios de sertão.

Ao observar as imagens dispostas acima no texto, tem-se um vislumbre da potencialidade que as imagens das mulheres sertanejas, em uma perspectiva ampliada e livre de estereótipos, tem de compor o mosaico de cores e culturas que formam o sertão. Sem as amarras dos pré-conceitos, conferimos a chance de as artes de si dessas mulheres saltarem aos nossos olhos e nos impressionarem, mostrando que há muito mais além do que aquilo que costumeiramente habitou o nosso imaginário inspirado em ideias dispostas por uma sociedade machista e xenofóbica.

Além disso, possibilitou inferir para a potência das narrativas como produção de si, tendo a experiência como centralidade, reivindicando no coletivo feminino, os lugares de transgressão e fissuras das sertanidades nos pontos molares do imaginário composto pelas imagens femininas cartografadas. Para além da lata d'água na cabeça, o exercício analítico permanente de desestabilizações do instituído, vislumbrando as artes de si como criação, em que as visualidades transversalizam-se em diálogo com as mídias digitais no campo da cultura visual, emergiu na análise.

REFERÊNCIAS

FILHO, Alípio de Sousa. Foucault: o cuidado de si e a liberdade ou a liberdade é uma agonística. In: ALBUQUERQUE JR; Durval M de; VEIGA-NETO, Alfredo, FILHO, Alípio de Sousa. (orgs). **Cartografias de Foucault**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins fontes, 2004.

GUATARRI Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COSTA, Váldina Gonçalves da. PEREIRA, Diego Carlos. SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Formação de professores/as pesquisadores/as**: contribuições e implicações do método cartográfico para as pesquisas em educação. Revista de Educação, Ciência e Cultura, Canoas, v. 23, n. 2, 2018.

GALVÃO, Cecília. **Narrativas em educação**. Ciência e Educação, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.

GOMES, Antenor Rita. **Sertão em cores**: caminhos para ensinar e aprender com imagens do sertão. Salvador: Edufba, 2019.